

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FABIO SCHMITZ MEYER

AUTENTICIDADE E EDUCAÇÃO

CURITIBA – PR

2013

FABIO SCHMITZ MEYER

AUTENTICIDADE E EDUCAÇÃO

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Filosofia da Educação, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Delcio Junkes

CURITIBA – PR

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

FABIO SCHMITZ MEYER

AUTENTICIDADE E EDUCAÇÃO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob a avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof. _____

Departamento _____

Prof. _____

Departamento _____

Prof. _____

Departamento _____

Curitiba, _____ de 2013.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
2 REMODELAÇÃO CULTURAL.....	07
3 CULTURA.....	12
3.1 ELEMENTOS DA CULTURA.....	13
3.2 PEDAGOGIA.....	16
3.3 REFORMA.....	18
4 AUTENTICIDADE E EDUCAÇÃO.....	20
5 CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

A obra de Walter Benjamin é vastíssima, e muito pouco foi traduzido para o português. Não bastasse a falta de acesso aos seus escritos, também temos problemas com traduções. Para dificultar ainda mais a compreensão de seus escritos, trata-se de um escritor muito culto, que conviveu com personalidades de sua época. Influenciou e foi influenciado pelas mentes mais brilhantes.

Basta aprofundar-se um pouco mais neste mundo para começar a deparar-se com alguns mal-entendidos a respeito de seu trabalho. O fato de não ser considerado filósofo pode ser o melhor exemplo disto. Alguns que se dedicam a estudá-lo fazem afirmações que lhe conferem características que não são suas. Cito como exemplo:

Apesar das questões educacionais e pedagógicas não terem recebido de Walter Benjamin uma atenção especial, pois seu foco maior de interesse estava na arte, na linguagem e na história, nem por isso seus escritos podem ser considerados sem importância para os educadores em geral. (D'ANGELO, 2006, p.23).

Discordo que Benjamin não tenha dado atenção especial às questões educacionais. Será que a autora não teve acesso a escritos tais como: “O ensino da moral” (1913); “Metafísica da juventude” (1913); “A vida dos estudantes” (1915); etc? São tantos os textos voltados à educação que cansaria em enumerá-los aqui. Acredito também, que suas ideias são de suma importância para a discussão em todo o ambiente escolar.

Existe um termo muito utilizado no decorrer de sua obra que é dado como entendido pelos seus comentadores. A questão da “autenticidade” não é discutida, e ganhou o significado de “verdadeiro” erroneamente. Não se pode ter uma compreensão mínima do seu trabalho sem que haja um esforço em tentar esclarecer o que seja a autenticidade, tão mencionada pelo autor.

A seguinte monografia tem a intenção de começar uma conversa com o autor para buscar compreendê-lo melhor. Colocar à disposição um debate acerca da educação, mostrando que esta foi uma preocupação fundamental em sua vida. Quem sabe possamos perceber que se trata de um filósofo que contribuiu e ainda contribui para o desenvolvimento da humanidade.

O artigo chamado “Reforma escolar: um movimento cultural” (1912), um dos primeiros escritos publicados do autor, servirá como estrutura para a argumentação. Nele está explícito todo seu descontentamento com o sistema escolar da época. Ali podemos encontrar um projeto diferente de educação onde expõe sua pretendida reforma.

E apesar de ser um texto de sua juventude como universitário de filosofia, a autenticidade já se mostra como algo importante. Para compreender melhor o que seja o autêntico em “Reforma escolar: um movimento cultural”, trarei à discussão passagens de outros textos que apontam para um esclarecimento.

Ao final, existe um projeto de ensino muito diferenciado que pode servir para a melhor percepção de nosso sistema escolar atual. Os problemas que aponta podem ser averiguados no cotidiano escolar de nossos dias atuais.

2 REMODELAÇÃO CULTURAL

O artigo “Reforma escolar: um movimento cultural”, foi publicado em 1912 pela revista *Student und Schurelform*. Nesta época Walter Benjamin tinha apenas vinte anos de idade e era calouro de filosofia nas universidades de Freiburg e Berlim. Estava engajado nos movimentos estudantis, participava da “Associação de Estudantes Liberais”. Portanto, se trata de um texto sobre educação em uma época em que o autor vivia este ambiente intensamente. Descontente com os rumos da educação de sua época, expõe seu julgamento e uma possível solução – a reforma.

Mesmo sendo um texto de sua juventude como estudante de filosofia, um tema que será abordado durante toda sua vida literária já aparece como algo a ser perseguido – a autenticidade. E a autenticidade é o oposto do que vem ocorrendo nas escolas da época. A escola se tornou um lugar de “*remodelação do indivíduo natural*” (BENJAMIN, 1993, p.50), sendo que a escola deveria servir para “*o desenvolvimento autenticamente natural*”. (BENJAMIN, 1993, p.50)

Temos que encontrar a diferença entre um e outro procedimento de educação; tanto para encontrar o que aponta como defeituoso, como para encontrar aquilo que acredite ser o autêntico desenvolvimento. E o autêntico só será encontrado ao final, quando virmos como opera sua pretendida reforma.

O que ocorre nas escolas, segundo Walter Benjamin em a “Reforma escolar: um movimento cultural”, é a “remodelação do indivíduo natural”. Dizer que o indivíduo natural é remodelado nas escolas nos faz pensar. Porque se ele é remodelado na escola provavelmente já tenha sido modelado antes. E se na escola ele é remodelado, passou por uma modelação anterior que não afetou a sua natureza; ou não seria necessário dizer que se trata de um indivíduo natural. Quando chega à escola será mais uma vez modelado, e este novo molde irá retirar-lhe desta situação natural.

Vejo em outro artigo publicado em 1915, intitulado “A vida dos estudantes”, um exemplo que pode nos indicar o que seja “remodelação do indivíduo natural”. Neste artigo veremos que quando a universidade se vinculou ao Estado, uma

grande mudança ocorreu. As ciências “*foram desviadas de sua origem comum fundada na ideia de saber...*” (BENJAMIN, 2002, p.33) e passaram a ser vistas pelos estudantes como “*uma escola profissionalizante*” (BENJAMIN, 2002, p.32), pois segundo estes estudantes “*ciência não tem nada a ver com a vida*”. (BENJAMIN, 2002, p.32).

O Estado tem o interesse de formar funcionários em suas universidades: professores, engenheiros, etc. Contudo, “*profissão decorre tão minimamente da ciência que esta pode até excluí-la*”. (BENJAMIN, 2002, p.33). Ciência é aquela que “*obriga o pesquisador a ser de certo modo sempre professor, jamais lhe impõe as formas das profissões...*”. (BENJAMIN, 2002, p.33). Mas os estudantes, visando um bom emprego, pensam na universidade como um meio de profissionalizar-se. Desta forma, ciência é vista somente como um conteúdo a ser apreendido para satisfazer as exigências de uma pretendida profissão.

A universidade foi concebida como um lugar de saber e ciência, transformou-se em um local que serve à profissionalização, aos interesses do Estado. Todo aquele que passa a cursar a universidade nos dias atuais está sendo moldado à sua profissão.

Aqui neste exemplo, a universidade passou por um procedimento de remodelação. O molde inicial da universidade foi alterado quando esta se vinculou aos interesses do Estado. De ambiente de pesquisa, passou a ser ambiente de formação de profissionais. Isto gerou mudanças profundas na percepção dos alunos sobre o significado de ciência. Uma nova cultura acaba se impondo, a cultura da profissionalização.

Outro caso que pode nos ajudar a compreender o que entende por “remodelação do indivíduo natural”, encontra-se em um texto de 1928 escrito para Asja Lacis, intitulado: “Programa de um teatro infantil”. Asja Lacis criou uma companhia de teatro infantil na Rússia comunista em 1918 e Benjamin ajudou a fundamentar o programa teoricamente.

Para Walter Benjamin em 1928, a educação das crianças filhos de proletários deveria se dar através do teatro, pois através do teatro “*as tensões do trabalho coletivo são os verdadeiros educadores*”. (BENJAMIN, 2002, p.114). No teatro infantil proletário as encenações não são “*a verdadeira meta do intenso trabalho coletivo desempenhado nos clubes infantis*” (BENJAMIN, 2002, p.114), mas “*as tensões que se resolvem em tais encenações*”. (BENJAMIN, 2002, p.114).

O objetivo da educação no teatro infantil proletário é a consciência de classe. Portanto, não faz sentido educar os filhos dos proletários à maneira burguesa. O diretor do teatro infantil burguês influi *“sobre as crianças, de maneira imediata, enquanto personalidade moral”*. (BENJAMIN, 2002, p.114). No teatro infantil proletário a intervenção do diretor se dá somente no que se refere aos *“conteúdos, tarefas e eventos”*. (BENJAMIN, 2002, p.114).

A grande diferença entre teatro infantil burguês e o teatro infantil proletário, é que o teatro burguês tem como meta o lucro. Pensando no teatro como meio de obtenção de lucro, as encenações se tornam produto. Para que o produto tenha um bom aspecto, é necessário que o diretor intervenha, já que se pressupõe que ele é a autoridade *“intelectual e moral”*. (BENJAMIN, 2002, p.115). Isto não ocorre no teatro infantil proletário. O teatro deverá fazer com que a *“coletividade das próprias crianças encarregar-se de executar os inevitáveis ajustes e correções morais”*. (BENJAMIN, 2002, p.115).

Ao se excluir da vida dos estudantes a autoridade intelectual e moral, surge algo que *“libera imensas forças para o verdadeiro gênio da educação: a observação”*. (BENJAMIN, 2002, p.115). O diretor será aquele que lê os sinais expressos pelas crianças e liberta *“os sinais infantis do perigoso reino mágico da fantasia e conduzi-los à sua execução nos conteúdos”*. (BENJAMIN, 2002, p.116). Este tipo de educação *“contrapõe-se ao treinamento educativo como libertação radical do jogo, num processo que o adulto pode tão somente observar”*. (BENJAMIN, 2002, p.117).

Ao falar de teatro e educação em nosso cotidiano, veremos que não tem o aspecto que Benjamin exige dele. Pelo contrário, o teatro em relação à educação das crianças tem a forma que ele critica. Não é prescrito o teatro para o desenvolvimento das crianças, quando muito se tem um curso optativo nas escolas. Nestes lugares onde vemos o teatro sendo trabalhado junto às crianças, temos a figura do diretor fazendo suas alterações, exigindo um produto final bem acabado.

Atualmente, a falta de proximidade das crianças com o teatro, apesar de tanto se falar na contribuição que traz ao desenvolvimento delas, faz pensar que Benjamin está correto ao afirmar que a burguesia teme o ensino do teatro:

Muito mais, arrepia-se aqui a consciência amedrontada pela possibilidade de ver a força mais poderosa do futuro ser despertada nas crianças mediante o teatro. (BENJAMIN, 2002, p.114).

Neste exemplo, o teatro infantil proletário que poderia ajudar no desenvolvimento das crianças toma a forma de um negócio, onde o produto final deve chegar a ter o aspecto que o diretor imagina. De ferramenta para o desenvolvimento, o teatro infantil é remodelado para atingir uma forma aceitável. O diretor controla a força das crianças para atingir seu objetivo.

Nos dois exemplos acima, tanto em “A vida dos estudantes”, como em “Programa de um teatro infantil proletário”, somos chamados a atenção para o fato de haver uma manipulação em vistas de um objetivo. A ciência, no caso exposto em “A vida dos estudantes”, perdeu o seu significado original e foi alterado. Com a vinculação da universidade ao Estado, ciência se tornou a exigência para se obter um bom emprego, servir ao mercado.

No caso exposto em o “Programa de um teatro infantil proletário”, o teatro, que deveria desenvolver as crianças e fazê-los aprender através de suas próprias representações, é convertido em produto. Isto exige que cada encenação passe pelo crivo do diretor, o qual dará o tom e as cores necessárias para que o produto final seja bem aceito.

Podemos também fazer o paralelo entre os textos quando nos referimos à questão da liberdade. As ciências das universidades que se vincularam ao Estado tomam a forma de escola profissionalizante, não permitindo ao estudante a livre pesquisa. E o teatro infantil, que não deveria se interessar pelo produto final, já que este serviria para o autodesenvolvimento das crianças, acaba controlando suas forças.

Nos dois casos podemos notar também que um novo tipo de percepção acerca do que seja ciência e do que seja teatro infantil está presente. A ciência que tem sua origem no saber universal, é percebida pelos estudantes da época como escola profissionalizante, e segundo as opiniões destes estudantes *“a ciência não tem nada a ver com a vida, então ela deve moldar com exclusividade a vida de quem a segue”*. (BENJAMIN, 2002, p.32). O teatro infantil, que Benjamin expõe

como lugar de ajuste de tensões e alto conhecimento, no teatro burguês são vistos como lugar de vaidade e hierarquia.

Com o exposto acima, podemos ter uma ideia do que seja a “remodelação do indivíduo natural”. O indivíduo natural é aquele que chega às escolas, e que passou por um processo de modelação anterior que não alterou a sua natureza. Provavelmente tenha recebido educação tradicional de seus pais, aprendeu a desenvolver algumas habilidades, brincou quando criança. O indivíduo natural é aquele que quando chega às escolas ainda não havia recebido influencia de formato escolar.

A escola, portanto, é um lugar que altera a natureza daquele que adentra suas portas. Mas nem sempre foi assim. A universidade, por exemplo, foi pensada como lugar de saber e ciência. O teatro pode ser lugar de desenvolvimento.

Remodelar o indivíduo natural é fazer com que vá à universidade para que adquira o conhecimento e a formação exigidos para uma determinada profissão. Remodelar o indivíduo natural é fazer com que participe de grupos teatrais onde suas forças são dominadas. Remodelar o indivíduo natural é fazer que vá à escola, e aprenda através de seus métodos, tudo aquilo que se acredite precise saber.

3 CULTURA

Conhecendo um pouco sobre a “remodelação do indivíduo natural” que ocorre dentro das escolas, conseguimos compreender melhor o porquê de Benjamin defender a ideia de uma reforma escolar. Sabendo que as escolas se tornaram lugar de remodelação do indivíduo, o princípio fundamental da reforma será *“que a reforma escolar represente um movimento cultural”*. (BENJAMIN, 1993, p.47)

Mas esta reforma cultural não é uma reforma que se dá através de qualquer cultura, pois valores culturais *“também significam poder”*. (BENJAMIN, 1993, p.47). Hitler, por exemplo, impôs uma nova cultura, a cultura da superioridade germânica. Sabemos quais foram os resultados desta cultura hitlerista. Pudemos ver como cultura pode servir de instrumento de manipulação.

No texto “Experiência e pobreza”, publicado em 1933, Benjamin tenta explicar como o desenvolvimento da técnica transformou a nossa relação com a experiência. Segundo ele, *“uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”*. (BENJAMIN, 1994, p.115). O desenvolvimento da técnica trouxe consigo a pobreza de experiência. (BENJAMIN, 1994).

Por este motivo faz a pergunta: *“Pois qual o valor de todo nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”*. (BENJAMIN, 1994, p.115). Portanto, não adiantará de nada ter um vasto patrimônio cultural se ele não servir como ensinamento a ser compreendido pelas novas gerações. Para que a reforma escolar seja um verdadeiro movimento cultural, o homem haverá de mudar sua relação com a experiência. A cultura terá de ser vivida dentro das escolas.

Neste sentido, Jorge Larrosa Bondía (2002, p.20) acrescenta que *“informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência...”*. Fazer com que os estudantes recebam uma vasta quantidade de informação e não as experimentem, faz com que os estudantes não sejam transformados, e que não haja aprendizado.

Cultura não pode ser qualquer cultura, e esta cultura deverá ser experimentada pelos estudantes, pois o que se pretende não é informar acerca da cultura, mas vive-la. Identificando cultura como instrumento de manipulação, será necessário algo mais à reforma. Ela deverá ser também *“um programa ético de*

nosso tempo”. (BENJAMIN, 1993, p.48). Não é possível deixar que o projeto da reforma acabe por ser manipulador. Portanto, a reforma escolar além de ser uma reforma cultural, deverá ser uma reforma ética.

3.1 ELEMENTOS DA CULTURA

Na tentativa de desenvolver uma reforma escolar que seja representada através de um movimento ético-cultural que sirva a todos (BENJAMIN, 1993), teremos de encontrar os elementos que satisfaçam estas exigências. Temos que saber *“quais movimentos fomentam ou retardam a cultura”*. (BENJAMIN, 1993, p.48). Segundo Benjamin, os elementos que cumprem estas características são: educação como difusão de valores espirituais, juventude e escola renovada. (BENJAMIN, 1993).

Difusão de valores espirituais significa *“desenvolver-se para além de nosso presente...”* (BENJAMIN, 1993, p.49), e isto quer dizer que quando educamos as novas gerações estamos pensando como *“sub specie aeternitatis”*. (BENJAMIN, 1993, p.49). Mas a reforma pretende que não só pensemos como uma espécie em desenvolvimento contínuo, mas também que devemos trabalhar e viver como tal espécie. O que ele quer é que tenhamos uma continuidade *“cheia de sentido em todo o desenvolvimento do gênero humano”* (BENJAMIN, 1993, p.49), para que não sejamos orientados pela *“vontade particular de tempos singulares ou de simples indivíduos...”*. (BENJAMIN, 1993, p.49).

Vejamos por exemplo a forma como a indústria acabou determinando quais os brinquedos as crianças deveriam brincar. Em *“História cultural do brinquedo”* (1928), Benjamin relata a maneira como a indústria do brinquedo modificou não somente a estrutura comercial da venda de brinquedos, mas também a forma como passou a ser produzido o brinquedo, e modificou a relação das crianças com o brinquedo.

Para Benjamin, a criança brinca com qualquer coisa, *“nada é mais adequado à criança do que imitar em suas construções os materiais mais heterogêneos – pedras, plastilina, madeira, papel”*. (BENJAMIN, 2002, p.92). Se pudermos lembrar nossos dias de infância, veremos que esta afirmação é correta.

Para a criança brincar não é necessário o brinquedo, salvo casos onde o brinquedo *“desprezam toda máscara imaginária”*. (BENJAMIN, 2002, p.93). Mas a indústria vendo uma brecha no comércio de brinquedos alterou o seu significado. Tornou a *“brincadeira da criança determinada pelo conteúdo imaginário do brinquedo, quando na verdade, dá-se o contrário”*. (BENJAMIN, 2002, p.93).

A indústria, neste caso apresentado em “História cultural do brinquedo”, modificou a relação da criança com a brincadeira. O resultado que a indústria espera são vantagens e lucro. Também modificou o comércio, modificou as relações de trabalho, como quando proíbe o *“marceneiro de pintar ele mesmo suas bonequinhas”*. (BENJAMIN, 2002, p.90).

Falar que não devemos cair na vontade particular de tempos singulares é fazer ver que não podemos nos deixar levar por correntes que visam outra coisa que não o desenvolvimento do gênero humano. (BENJAMIN, 1993). Neste caso, por conta do lucro, toda uma cadeia envolvida no ramo dos brinquedos, inclusive a brincadeira da criança, foi modificada.

Quando educamos, devemos pensar e trabalhar para além de nosso presente, buscamos a continuidade e o desenvolvimento progressivo da humanidade – cultura. *“Em uma palavra, o que nós desejamos não é outra coisa que o cultivo do natural desenvolvimento progressivo da humanidade, ou seja, cultura”*. (BENJAMIN, 1993, p.49)

Cultura é o cultivo do natural desenvolvimento progressivo da humanidade, e educação é servir aos jovens todo o patrimônio acumulado, porém, fazendo que experimentem estes conhecimentos. Mas somente difundir a cultura acumulada e vive-la não bastará, devemos saber *“quais valores desejamos legar à posteridade como a melhor das heranças”*. (BENJAMIN, 1993, p.49). Por isto mesmo devemos fazer uma *“revisão destes mesmos valores”*. (BENJAMIN, 1993, p.49).

Ao tratar da questão de saber quais valores queremos à posteridade, veremos que encontrar consenso não será fácil. Divergem as mais variadas opiniões. Benjamin aponta que esta questão não pode ser respondida por políticos ou professores. Somente a juventude tem o futuro à sua frente. É a juventude que irá viver a cultura dentro das escolas, deverá ser ela quem reveja e escolha os valores culturais. *“O vínculo mais estreito que se dá entre a cultura e a reforma escolar constitui a juventude”*. (BENJAMIN, 1993, p.51).

Em “A posição religiosa da juventude” (1914), Benjamin está tratando da questão religiosa e sua relação com a juventude. Ele diz que apesar de os jovens encontrarem com “os objetos de sua eleição já... predeterminados de antemão...” (BENJAMIN, 1993, p.114), mesmo sendo as questões religiosas já predeterminadas, a juventude precisa ser capaz de “eleição, a possibilidade de eleger...” (BENJAMIN, 1993, p.114). E se possuímos qualquer dúvida se a juventude é capaz de escolher:

os jovens vivem uma vida dificilmente compreensível, cheia de renúncias e desconfianças, adorações e ceticismos, auto sacrifícios e buscas da própria identidade: a única virtude que possuem nesta vida. (BENJAMIN, 1993, p.115).

Assim como aos jovens se deve dar a liberdade de poderem construir sua relação com a religiosidade, eles poderão escolher os valores culturais que serão deixados à posteridade. E se qualquer um duvida da capacidade dos jovens ao se dar de frente com tal tarefa, vemos que aquilo que apontam como o maior problema é no fundo a grande solução. São eles os detentores do futuro, não podemos escolher por eles.

Dentro da reforma escolar que propõe Benjamin, a juventude ganha uma grande responsabilidade. Sendo a reforma escolar representada por um movimento cultural - movimento este que deverá ter alguns elementos sem os quais não poderá servir ao bem estar da sociedade, e que, portanto, não serve a interesses particulares – a cultura que será deixada à posteridade e também a revisão destes valores será feita pelos estudantes. Deverão ser capazes de fazer as escolhas, e todos terão de acreditar que assim estaremos no caminho do desenvolvimento progressivo da humanidade.

Graças à confiança nesta juventude, que há de aprender a trabalhar dia a dia, a tomar-se a sério, a auto educar-se, etc.; o gênero humano pode ter fé em um futuro, naquele irracional que somente a juventude é capaz de apreciar. Juventude que não somente se encontra preenchida de futuro, senão também o está do espírito que sente dentro de si a alegria e a coragem dos novos portadores da cultura. (BENJAMIN, 1993, p.52)

O papel da escola dentro da reforma escolar será o de *“conservar para a humanidade o patrimônio do logrado por ela oferecendo-lhe continuamente às novas gerações”*. (BENJAMIN, 1993, p.52). A escola não deverá interferir na escolha dos valores culturais, somente *“representa um mérito e um rendimento que se a de armazenar desde o passado, ainda o mais recente”*. (BENJAMIN, 1993, p.51). Como um depósito do patrimônio cultural, a escola será o lugar onde o estudante se serve do passado. A escola não será a responsável em apontar a direção a ser tomada, mas o lugar de onde se parte em direção ao futuro. A nova relação que terão escola e estudantado será complementar. A escola possui o passado, e a juventude possui o futuro. *“Agora bem, a juventude, a cujo serviço se entrega a escola, lhe oferece o futuro”*. (BENJAMIN, 1993, p.51)

Se formos verificar a relação que tem escola e estudantado na sociedade de hoje, veremos que se encontra em uma situação diferente da pretendida acima. Nossas escolas acreditam possuírem a resposta sobre o que seja o melhor para o futuro de todos. Ela está estruturada de uma maneira que não possibilita que os jovens escolham o futuro. O futuro dos jovens já está colocado diante deles nas escolas através de seus métodos, de seus conteúdos, de seu objetivo. Como vimos antes em *“A vida dos estudantes”*, o objetivo das escolas daquela época, e das escolas de hoje em dia, é o de formar bons profissionais que sirvam ao mercado. Assim, o futuro dos estudantes já se encontra predeterminado.

3.2 PEDAGOGIA

A pedagogia dentro deste contexto da reforma escolar terá uma nova função, sendo os jovens livres para escolherem seus futuros, a pedagogia deverá se preocupar com *“a criação de um espaço adequado para que a cultura se autodesenvolva”*. (BENJAMIN, 1993, p.52). Sem ter de se preocupar com a disciplina e métodos de ensino, já que os jovens circularão livremente pelos espaços escolares, a pedagogia ficará incumbida de pensar o espaço escolar. Pedagogos na reforma de Benjamin teriam o papel de pensar todo o ambiente escolar para que facilitasse o desenvolvimento do trabalho dos estudantes.

Em “Livros infantis velhos e esquecidos” (1924), Benjamin está a discorrer sobre a coleção de livros infantis de Karl Hobrecker. Para que um livro fizesse parte da sua coleção de livros infantis, seria fundamental que o livro “*se tenha mantido fiel à alegria que ele desperta na criança*”. (BENJAMIN, 2002, p.54). O livro infantil tem seu nascimento no Iluminismo, e seu objetivo é a educação. (BENJAMIN, 2002). Com o intuito de uma formação humanista, pensaram a formação das crianças com valores que se encontram nos adultos.

A pedagogia da época tomou parte nesta formação humanista e acabou transformando o livro infantil em “*moralista, edificante e varia o catecismo, junto com a exegese, no sentido do deísmo*”. (BENJAMIN, 2002, p.53). Quando os pedagogos se debruçam sobre os livros infantis, pensam estar produzindo algo que “*seriam apropriados às crianças*”. (BENJAMIN, 2002, p.57).

Quando a pedagogia interfere na produção dos livros infantis, surge o “*preconceito de que as crianças são seres tão distantes e incomensuráveis que é preciso ser especialmente inventivo na produção do entretenimento delas*”. (BENJAMIN, 2002, p.57). A pedagogia não deveria se preocupar em produzir material para a diversão das crianças, pois não percebem que “*a Terra está repleta dos mais puros e infalsificáveis objetos da atenção infantil*”. (BENJAMIN, 2002, p.57).

Quando a pedagogia intervém na formação dos estudantes, pensam em um modelo que não se encontra na origem do que seja formação. Os livros infantis que antes eram feitos pensando na diversão para crianças, passam a ser pensados à maneira dos adultos, apontando para a imitação dos adultos. Mas as crianças aprendem e divertem-se com os mais variados materiais, e estes podem até ser os materiais dos próprios adultos, contudo, as crianças criam uma relação diferente com tais objetos, sem a interferência dos pais.

A pedagogia não terá o papel de buscar os métodos e ideais mágicos para a boa formação dos estudantes, já que não se deve interferir na relação dos jovens e seus objetos. Como profissionais de educação e conhecedores do dia a dia da escola, os pedagogos ficarão incumbidos de melhorar o acesso dos estudantes às escolas.

3.3 REFORMA

O desenvolvimento autenticamente natural ocorrerá somente quando fizermos uma reforma. Esta reforma será representada por um movimento cultural. Não qualquer movimento, mas um movimento em que *“todos possam tomar parte nele”*. (BENJAMIN, 1993, p.48).

Sabendo que um movimento cultural qualquer pode manipular uma sociedade inteira, como quando ocorreu na Alemanha hitlerista, o movimento cultural também deverá ser um movimento ético.

Mesmo sendo um movimento ético-cultural, não bastará apenas acumular o passado sem dele fazer uso. Deverão cultura e ética ser vividas dentro das escolas. Teremos de experimentar este patrimônio para que possa ser vinculado às nossas vidas, e retirar o preconceito de que ciência não serve para a vida.

Se quisermos para a humanidade uma trajetória de progresso no desenvolvimento humano, teremos de encontrar elementos que são fundamentais à reforma escolar que é representada por um movimento cultural. São três os elementos: *“juventude, escola renovada, cultura”*. (BENJAMIN, 1993, p.52).

Se existe um sistema de ensino, é por que acreditamos que nos desenvolvemos para além do presente. Educar é pensar em desenvolver-se com vistas para o futuro. Mas não se deve apenas pensar para além de nosso presente, temos que trabalhar e viver pensando em metas. Essas metas devem constituir o desenvolvimento humano, para não ficarmos direcionados a interesses particulares ou tempos singulares. Como aconteceu com a indústria dos brinquedos, por conta de vantagens e lucro, toda uma rede envolvida no ramo dos brinquedos, inclusive a brincadeira da criança, foram manejadas em favor da indústria.

O desenvolvimento do gênero humano é cultura, e os valores que queremos deixar à posteridade terão também de ser revistos para que estes não acabem por institucionalizar-se. Ao buscar encontrar consenso no que seja de interesse para o desenvolvimento do gênero humano, vemos que são várias as opiniões. Tal consenso não haverá se deixarmos o debate a qualquer classe. Se olharmos a questão a respeito de quais valores queremos à posteridade, veremos que aqueles que detêm o futuro diante de seus olhos são os menos ouvidos.

A juventude é aquela que detêm o futuro pela frente, e será ela quem escolherá os valores a serem deixados à posteridade. Irão também rever estes valores. Não serão os professores nem políticos os responsáveis por saber qual o destino da juventude. A própria juventude será a responsável pelo desenvolvimento da cultura, e será ela também quem decidirá o seu destino dentro das escolas.

Tamanha responsabilidade só poderá ser assumida quando a sociedade acreditar que a juventude é capaz de trabalhar em prol deste objetivo maior. Assim sendo, o jovem que vê, na época em que foi escrito o artigo e também nos dias de hoje, a escola como um lugar de profissionalização e remodelação cultural, poderá perceber a importância de seu papel dentro da sociedade.

Quem acredita que a juventude não será capaz de levar a cabo tal projeto, não percebe que dizer que a juventude é inexperiente ou que têm medo do futuro; este é o grande trunfo da juventude. Dando a liberdade de eleição à juventude veremos que caminhamos para o desenvolvimento da humanidade.

A escola será o lugar onde é guardada toda a cultura, *“há de armazenar desde o passado, ainda o mais recente”*. (BENJAMIN, 1993, p.51). Nela será oferecido todo o patrimônio cultural, nela será dada a liberdade de escolha do que será o mais importante às gerações futuras. Estará renovada porque terá um novo papel na vida da sociedade, e terá seus profissionais readequados em suas funções.

A cultura do futuro é a única meta da escola e por isto há de guardar silêncio ante o futuro presente germinalmente na juventude que sai ao seu encontro. (BENJAMIN, 1993, p.52).

4 AUTENTICIDADE E EDUCAÇÃO

São várias as vezes em que Walter Benjamin fala de autenticidade, mas apenas em “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica” (1935), temos uma explanação do que seja realmente a autenticidade. Ao falar das modificações que ocorreram na cultura por causa das mudanças sofridas nas condições de produção, ele está mostrando como se desenvolvem as artes com as condições de produção da época. Quer tratar a arte através de conceitos que não podem ser utilizados por regimes fascistas, para que não possa servir a vontade individual ou tempos singulares.

E a reprodução técnica não é algo novo, ela *“ocorre ao longo da história de forma intermitente, em momentos espaçados por longos intervalos, mas com intensidade crescente”*. (BENJAMIN, 2012, p.10). E *“no século XIX a reprodução técnica atingiu tal grau, que não só abarcou o conjunto das obras de arte existentes e transformou profundamente o modo como elas podiam ser percebidas, mas conquistou para si um lugar entre os processos artísticos”*. (BENJAMIN, 2012, p.11).

A reprodução técnica veio se aprimorando com o passar do tempo. Já na antiguidade existiam formas de reprodução de arte, mas somente no século XIX a reprodução técnica se desenvolve a ponto de alterar a percepção que se tem da arte. A própria reprodução ganha espaço entre as artes.

O autêntico da obra de arte, antes do desenvolvimento da reprodução técnica, é o seu *“aqui e agora do original”*. (BENJAMIN, 2012, p.12). Quando a reprodução técnica elimina o “aqui e agora do original”, facilitando a obra através da reprodução, algo se perde. Perde-se *“a essência de tudo que é transmissível desde a origem, da sua permanência física até seu testemunho histórico”*. (BENJAMIN, 2012, p.13).

Se levarmos em conta o mesmo contexto, veremos que o “desenvolvimento autenticamente natural” sofre modificações após o desenvolvimento da técnica e da industrialização. Desenvolvimento autenticamente natural é aquele desenvolvimento que ocorre quando a escola é um local onde se vive a cultura. O contrário, a “remodelação do indivíduo natural”, é o mesmo que ocorre nas universidades relatadas em “A vida dos estudantes”.

Quando a universidade deixa de ser lugar de saber e ciência, e preocupa-se em fornecer profissionais bem formados ao mercado, perde seu significado e seu

valor. O mesmo ocorre com a obra de arte, que reproduzida, perde seu testemunho histórico. Em ambos os casos, o desenvolvimento técnico influencia na percepção, e na elaboração de valores.

A reforma escolar é necessária para retornar o caminho traçado anteriormente. Escola foi criada como lugar que se projeta ao futuro, pensando no desenvolvimento humano no decorrer do tempo. Mas se transformou em lugar de formação de profissionais. Temos que perceber que existem objetivos maiores à humanidade que aqueles traçados por tempos ou vontade singulares.

A escola perdeu seu significado original e se transformou. Com o desenvolvimento da técnica a escola passou a ser lugar onde, através de um procedimento, se alcança um modelo de homem. As técnicas pedagógicas se elevaram ao patamar de educação, sendo elas mesmas consideradas educação.

Em “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, irá tratar como cinema e reprodução técnica afetaram as formas tradicionais de arte, é possível utilizarmos sua definição de autenticidade para a melhor compreensão do que seja o “desenvolvimento autenticamente natural”, encontrado em “Reforma escolar: um movimento cultural”.

Para a obra de arte, quando ela é reproduzida, algo se perde: “*sua existência única no lugar em que está*”. (BENJAMIN, 2012, p.12). Podemos fazer uma réplica perfeita, mas a obra original não é a que estará à sua frente. E esta obra original, somente ela tem uma posição no espaço. Mas, sobretudo, toda sua história se encontra nela, no original. Diante da obra original vemos as modificações que ocorreram com o tempo, e também nos remetemos à sua história e toda a tradição que buscam trazer o “*ponto de partida original*”. (BENJAMIN, 2012, p.12).

A autenticidade da obra de arte se perde com o desenvolvimento técnico. O mesmo ocorre com a escola. O desenvolvimento da técnica modificou a experiência do homem com a escola, uma nova cultura surgiu, a cultura da profissionalização. A escola foi criada como lugar que proporciona à juventude todo o patrimônio cultural da humanidade a ser experimentado, para que a juventude transforme o patrimônio a ser deixado para as próximas gerações.

Mas a escola se tornou um lugar de “remodelação cultural”, um lugar que transformado pelo desenvolvimento técnico busca modelar o estudante à uma determinada profissão. A escola de hoje tem as mesmas características, ciência não tem mais o aspecto de servir para a vida, serve somente a outras finalidades. O

desenvolvimento técnico alterou a percepção de ciência, assim como alterou a percepção acerca da obra de arte.

A obra de arte tem sua origem, a escola também tem a sua – educar as futuras gerações. E a cultura que deve estar acumulada nas escolas para ser servida à juventude, é a sua história, que na obra de arte se encontra somente no original.

Quando a escola perde seu sentido original e sua história, ela deixa de trabalhar em função de seu verdadeiro sentido e passa a funcionar com vistas a um novo objetivo. Quando a pedagogia se debruça sobre os livros infantis, como vimos em “Livros infantis velhos e esquecidos”, pensaram a formação das crianças com valores que se encontram nos adultos. Não perceberam que as crianças aprendem com os mais variados materiais.

O âmbito da autenticidade escapa inteiramente à reprodutibilidade técnica e, evidentemente, não só a esse tipo de reprodutibilidade. (BENJAMIN, 2012, p.12).

O autêntico desenvolvimento, que deveria ocorrer dentro das escolas, é modificado devido influências do desenvolvimento técnico e a industrialização. Dessa forma, o autêntico não é mais experimentado. E mesmo que se mantivesse uma escola dentro dos fundamentos de um desenvolvimento autenticamente natural, as demais escolas fariam perder o seu sentido original. Se tivéssemos apenas uma escola nos moldes da reforma proposta por Benjamin, as demais escolas fariam com que o seu sentido se perdesse, pois alterariam a percepção acerca da escola.

Mesmo nas circunstâncias em que o produto da reprodução técnica conserve inalterado o conteúdo da obra de arte, elas desvalorizam inevitavelmente seu aqui-e-agora. (BENJAMIN, 2012, p.13).

Isto ocorre porque um novo tipo de experiência com a escola se forma, e aquilo a que se deveria preocupar acaba sendo esquecido e transformado para um

novo sentido. O autêntico da escola se perde, e por isso quer que a reforma escolar ocorra.

A autenticidade de algo é a essência de tudo o que é transmissível desde sua origem, da sua permanência física até seu testemunho histórico. (BENJAMIN, 2012, p.13).

Escola e obra de arte têm uma origem e um objetivo que deixam de ser importantes com o desenvolvimento da técnica. A técnica transforma a relação do homem com seus objetivos porque tem outra finalidade. Assim, toda origem e história da obra de arte e da escola são postas de lado, como se a humanidade quisesse reescrever a história ou começar de novo. E a autenticidade de uma coisa se encontra nela, e não em sua reprodução. Quando é retirado seu sentido original, sua autenticidade também é retirada, e uma nova experiência é criada.

A reforma escolar preza por um “desenvolvimento autenticamente natural”, desenvolvimento que se encontra na origem dos fundamentos da educação. E educar, para Benjamin, é fazer com que a juventude experimente e transforme o patrimônio cultural mantendo uma relação íntima e sem intervenções alheias. O autêntico na educação é fazer com que a juventude trabalhe e construa seu próprio futuro.

5 CONCLUSÃO

O autêntico na obra de arte é o seu “aqui e agora”. É no “aqui e agora” que se encontra *“tudo o que é transmissível desde sua origem, da sua permanência física até seu testemunho histórico”*. (BENJAMIN, 2012, p.13). O autêntico na obra de arte é ela mesma, pois nela se encontra sua origem, história e tradição.

Com a reprodução técnica da obra de arte, o que se perde é justamente o que faz da obra autêntica; seu “aqui e agora”. Quando a reprodução técnica facilita a obra a qualquer momento, ela permite que a obra seja atualizada pelo receptor.

A técnica da reprodução, assim podemos formular, separa aquilo que foi reproduzido e o âmbito da tradição. (BENJAMIN, 2012, p.13).

A tradição da escola é o de desenvolver a humanidade pensando no futuro, sua história se confunde com seu patrimônio cultural acumulado, e tem sua origem no saber e na ciência. Seu “aqui e agora” é desenvolver as futuras gerações permitindo que vivam, experimentem e transformem todo o patrimônio cultural acumulado.

Mas o desenvolvimento técnico e a industrialização transformam a escola. De lugar de saber e ciência, torna-se lugar de profissionalização. O mercado exige algumas características sem as quais não é possível a inserção em uma determinada profissão. A escola passa a ser lugar de “remodelação do indivíduo natural”.

A escola agora é um lugar onde se reproduz conhecimento, onde se modela o ser humano para que se obtenha o mínimo que se acredita precise saber. O desenvolvimento técnico e a indústria modificam a percepção acerca da obra de arte e também da escola; sua autenticidade está perdida.

Quando a universidade se vincula ao Estado por precisar de funcionários bem formados, ela acaba fazendo que a percepção de ciência seja modificada. Ciência deixa de ser vista como algo que serve para a vida, ganha entre os estudantes o

sentido de “*moldar com exclusividade a vida de quem a segue*”. (BENJAMIN, 2002, p.32).

Remodelar o indivíduo natural é fazer que o indivíduo entre para um sistema escolar que tem como meta um modelo de homem. Nesta escola o estudante irá se deparar com um sistema que não lhe permite a livre pesquisa, pois já existe de antemão metas preestabelecidas. Isto faz que a percepção acerca do sistema escolar seja totalmente remodelada.

Para acabar com esta situação, Benjamin propõe uma reforma. A reforma terá de ser representada por um movimento cultural, pois é necessário que se perceba que o desenvolvimento técnico e a industrialização impuseram uma nova cultura – a cultura do mercado.

Mas para que a reforma não seja utilizada para fins individuais, ou que seja manipulada com vistas a outro objetivo que não o desenvolvimento humano, a reforma terá de ser também um movimento ético. Este movimento ético-cultural terá de ser vivido pelos estudantes, pois não basta somente a informação. A reforma tem como objetivo a transformação e o desenvolvimento.

Para que o movimento ético-cultural sirva a todos, e não somente a alguns poucos, existem certas características que deverá conter: “*valores espirituais, juventude e escola renovada*”. (BENJAMIN, 1993, p.52).

Valores espirituais são aqueles que encontramos quando pensamos como espécie que se desenvolve além do presente. Juventude é aquela que estreita sua relação com a escola quando escolhe e transforma o patrimônio cultural. Escola renovada é aquela que tem como meta o desenvolvimento, oferecendo às futuras gerações todo o patrimônio cultural para que seja vivido e transformado.

O “desenvolvimento autenticamente natural” é o desenvolvimento que ocorre dentro da escola reformada, quando o autêntico da escola se mantém, e quando a escola interfere o mínimo na transformação dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. La reforma escolar: un movimiento cultural. In: __. **La metafísica de la juventud**. 1ªed. Barcelona: Paidós, 1993. (tradução – Delcio Junkes e Fabio Schmitz Meyer).

BENJAMIN, W. A vida dos estudantes. in: __. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 1ªed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BENJAMIN, W. Programa de um teatro infantil proletário. in: __. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 1ªed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: __. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (obras escolhidas; v.1).

BENJAMIN, W. História cultural do brinquedo. in: __. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 1ªed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BENJAMIN, W. La posición religiosa de la nueva juventud. In: __. **La metafísica de la juventud**. 1ªed. Barcelona: Paidós, 1993. (tradução – Delcio Junkes e Fabio Schmitz Meyer).

BENJAMIN, W. Livros infantis velhos e esquecidos. in: __. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 1ªed. São Paulo: Duas Cidades, 2002

BENJAMIN, W. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: SCHÖTTKER, D.; BUCK-MORSS,S.; HANSEN, M. **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção**. 1ªed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**. Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, 2002.

D'ANGELO, M. **Arte, Política e educação em Walter Benjamin**. 1ªed. São Paulo: Loyola, 2006.